

A pesquisa (auto)biográfica no Brasil e suas interfaces com a Educação Musical: um estudo inicial

GTE 08 – Educação Musical e Pesquisa (Auto)Biográfica

Comunicação

*Pâmela Barroso de Araújo Cruz
Universidade Federal de Roraima
pamela.cacruz@outlook.com*

*Jéssica de Almeida
Universidade Federal de Roraima
almeidadejessica@gmail.com*

Resumo: Esta comunicação apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que objetiva analisar como os ambientes institucionalizados e não-institucionalizados de educação influenciam na formação dos discentes do Curso de Licenciatura em Música da UFRR na perspectiva dos acadêmicos participantes da pesquisa. Para esta ocasião enfoca-se, as discussões e os avanços sobre a Pesquisa (Auto)biográfica no Brasil, considerando suas potencialidades na formação de professores de música e na pesquisa em Educação Musical. Encerramos prospectando avanços a partir de ações que tem se dado no presente, em grupos de pesquisa, instituições, pesquisadores e movimentos, que reconhecem essa abordagem e suas potencialidades, apostas e dimensões (PASSEGGI, 2011; 2016; 2017; 2020).

Palavras-chave: Abordagem (auto)biográfica. Pesquisa em Educação Musical. Formação.

Introdução

Esta comunicação foi desenvolvida no âmbito de uma disciplina do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Roraima (UFRR), chamada Educação e Educação Musical: Pressupostos teóricos e práticos, que discutiu a constituição da Educação Musical como campo do conhecimento a partir de suas inter-relações com diferentes áreas do conhecimento. A partir da leitura de Kraemer (2000), Arroyo (2002), Del-Ben (2010) e Souza (2014), ponderamos sobre a constituição do conhecimento da Educação Musical. Os autores destacados nos mostram que esse campo do conhecimento tem crescido, em grande parte graças à consolidação dos programas de pós-graduação nas áreas de Música e Artes, no geral, e, também, pela contribuição da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), que ao longo de seus trinta anos auxiliou “decisivamente para a

formação de uma rede nacional de pesquisadores no campo da educação musical” (SOUZA, 2007, p. 27), favorecendo o seu firmamento no cenário nacional e internacional.

Paralelamente a esta disciplina, participamos do projeto de extensão intitulado *Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil*, desenvolvido totalmente em formato remoto, suas atividades visaram “desenvolver ações de estudo, pesquisa, debate e divulgação do *Movimento (auto)biográfico da educação musical no Brasil*” (PROJETO, 2021, p. 5). Desde maio deste ano o projeto realizou reuniões no âmbito do Grupo de Estudos e Pesquisa (auto)biográficas em Educação Musical (GEPaEM/UFRR/CNPq) – abertas para público inscrito, e do Grupo de Pesquisa Educação Musical e Formação Docente (UDESC/CNPQ) nos quais foram realizadas leituras de textos selecionados sobre a abordagem (auto)biográfica, bem como, sua posterior discussão. Também se realizou encontros intergrupos, onde ambos os grupos de pesquisa debateram sobre conceitos, aspectos históricos, construções epistemológicas e delineamentos da pesquisa (auto)biográfica. Atualmente, ocorrem mensalmente webnários abertos para a comunidade interessada no assunto que abordam questões teóricas e metodológicas sobre a referida abordagem.

Um dado importante a ser mencionado é a quantidade de participantes (entre pesquisadores, alunos e professoras de cursos de licenciatura e bacharelado em Música e de programas de pós-graduação em Educação, Artes e Música) de diferentes regiões do país que tem se feito presente de forma ativa. Os encontros do GEPaEM atingiram em média 15 a 25 participantes, até 30 participantes nos encontros Intergrupos, e durante os webnários chegou-se a atingir o total de 60 participantes. Promovendo assim trocas, discussões e reflexões importantes sobre a pesquisa (Auto)Biográfica no Brasil.

Assim, a partir dos estudos realizados na disciplina e no projeto de extensão apresentamos, a seguir, aspectos da abordagem (auto)biográfica que contribuem para o estudo da formação de professores de Música na articulação entre memórias de aprendizagem em ambientes institucionalizados e não-institucionalizados de educação e podem, igualmente, fundamentar estudos sobre outras temáticas comumente debatidas no campo da Música.

A pesquisa (Auto)Biográfica no Brasil

Antes de chegar ao Brasil, precisamos conhecer onde surgiu, por onde e por quais processos passou essa categoria de pesquisa. Ao dialogar com Georges Gusdorf (1991),

Passeggi (2011) nos diz que o termo autobiografia foi criado no início do século XIX. A Auto-bio-grafia, possui peso etimológico complexo, pois “Creada en los inicios del siglo XIX, esa palabra revela varias capas de sentido cuando descomponemos los elementos que la constituyen y cuya imbricación justifica las dificultades y la riqueza de la escritura de sí” (PASSEGGI, 2011, p. 28). De forma resumida, Auto significaria a singularidade do sujeito, sua subjetividade; Bio, a vida, o meio que o sujeito está inserido, a relação do eu com o outro; e grafia, a técnica utilizada para registrar o Autobio, para refletir e compreender a vida.

No século XX, a Escola de Chicago inaugura a pesquisa científica qualitativa através de histórias de vida, o que se tornou um marco para desenvolvimentos posteriores (PASSEGGI, 2011). Porém, desde 1950 Franco Ferrarotti desenvolvia um olhar crítico sobre as histórias de vida em Sociologia, as narrativas de vida ressurgem na Europa com Bertaux entre 1970 e 2010, onde o autor realizou um trabalho focado em um padeiro artesão para estudar um grupo social.

Em 1980 o movimento *Histórias de vida em formação* surgem em universidades e centros de formação da França, Bélgica, Suíça, Canadá (Quebec) e Portugal, no âmbito da formação permanente de adultos, institucionalizada no início dos anos 1970. Dez anos depois, nos anos 1990, as histórias de vida em formação ganham força, tornando-se uma referência com o lançamento do livro *O método (auto)biográfico e a formação* de António Nóvoa e Matthias Finger, publicado em 1988 em Portugal. Neste livro, pela primeira vez, utiliza-se o auto, de autobiografia, entre parênteses, “A hipótese é que, ao acrescentar os parênteses, Nóvoa e Finger chamam a atenção para a dimensão subjetiva do método, em Educação, e a função formativa do discurso autobiográfico” (PASSEGGI; SOUZA, 2016, p. 15). Ao apresentar Passeggi, Souza e Vicentini (2011), Almeida (2019, p. 110) entende que para esses autores,

movimento (auto)biográfico atende às demandas da pesquisa educacional e supera dificuldades das abordagens tradicionais a partir da utilização de narrativas autobiográficas. Nesse sentido, observaram dois grandes períodos: o de eclosão do autobiográfico e das histórias de vida em Educação (1990) e o de expansão e diversificação dos temas de pesquisa (2000).

A segunda abordagem narrativa que virá contribuir para os estudos e as pesquisas em Educação, é a *Pesquisa Biográfica em Educação*, com base nas experiências vividas e narradas, uma proposta de Delory-Momberger no início dos anos 2000 na França, que “ao

invés de centrar-se no âmbito da formação, ela amplia as indagações para as relações que os indivíduos estabelecem com as instituições escolares” (PASSEGGI, 2020, p. 63).

A terceira abordagem narrativa é a *Pesquisa (Auto)Biográfica*, que tem como precursora na Educação Musical, Maria Cecília de Araújo Rodrigues Torres com a Tese *Identidades musicais de alunas de pedagogia: música, memória e mídia*, publicada em 2003. Essa abordagem recebe essa denominação por ocasião do primeiro Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, o CIPA, que ocorreu em Porto Alegre em 2004. Este ano o CIPA teve sua VIII edição. A título de conhecimento dois destes CIPA's foram específicos da Educação Musical, e apresentados pelas professoras/pesquisadoras criadoras do *Movimento (Auto)Biográfico da Educação Musical no Brasil*.

A pesquisa (Auto)Biográfica na Educação Musical

Com a finalidade de compreender como a Pesquisa (Auto)biográfica tem se apresentado na Educação Musical no Brasil, realizou-se uma pesquisa de revisão bibliográfica em parceria com Grupo de Pesquisa Educação Musical e Formação Docente (UDESC/CNPQ)¹. Os primeiros resultados desse trabalho foram compartilhados pelo grupo em um dos encontros do *Movimento (Auto)Biográfico da Educação Musical no Brasil*.

Ao estabelecermos o objetivo de conhecer como a abordagem de pesquisa (auto)biográfica está sendo utilizada na Educação Musical, decidimos ampliar o mapeamento realizado pela autora Milena Brito Teixeira Gontijo (2019), que realizou a pesquisa de dissertação intitulada *O Movimento (Auto)Biográfico no campo da educação musical no Brasil: um estudo a partir de teses e dissertações*. A referida pesquisa de mestrado analisou a produção acadêmica em Educação Musical com abordagem (auto)biográfica centrando-se em teses e dissertações através de um Estado da Arte sobre a (Auto)biografia na Educação Musical, em um recorte de 2003 a janeiro de 2019.

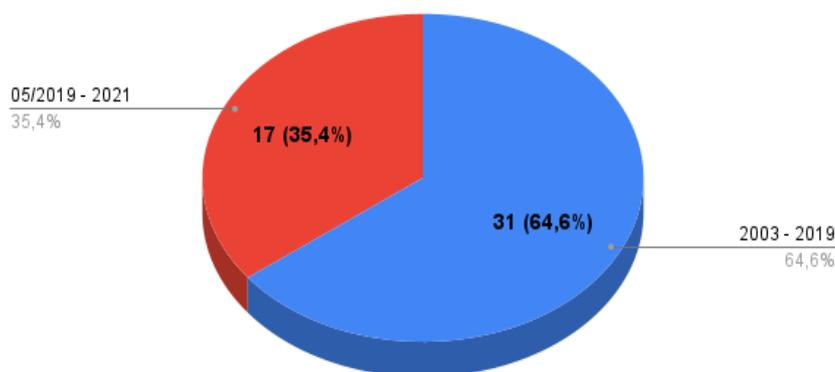
Para atingir nosso objetivo, buscamos realizar um estado do conhecimento para analisar o referencial teórico, as técnicas de coletas de dado, as abordagens metodológicas e os resultados apresentados pelos autores a partir de informações contidas nos resumos

¹ Pesquisa realizada por Ana Ester Correia Madeira de Souza, Luiz Fernando Barbosa Junior, Monica Luchese Marques, Silani Pedrollo (Membros do Grupo de Pesquisa Educação Musical e Formação Docente), e Pâmela Barroso de Araújo Cruz (Membro do GEPAEM).

desses trabalhos. Também identificamos os conceitos da pesquisa (auto)biográfica na educação musical.

Na dissertação de Gontijo (2019) foram identificados 31 trabalhos de 2003 a 2019, desses, cerca de 94% se encontram entre os anos de 2011 e janeiro de 2019, e entre os anos de 2005 e 2010 não houve produção dessa natureza. Dando seguimento, identificamos 17 trabalhos de 2019 à maio de 2021, conforme figura abaixo:

Figura 1: Comparativo de Pesquisas (Auto)Biográficas em Educação Musical



Fonte: SOUZA, et al. 2021, p. 7.

Podemos notar o crescimento expressivo nas pesquisas desse teor nos últimos anos. Um dos possíveis motivos para esse crescimento pode ser o fato de professores que desenvolvem pesquisas com essa abordagem ingressaram como docentes em cursos de pós-graduação e/ou passaram a liderar grupos de pesquisa e, assim, promovem a expansão dessa abordagem nas instituições nas quais trabalham. Ao lado disso, acreditamos que o Grupo de Trabalhos Especiais Educação Musical e Pesquisa (auto)biográfica, bem como atividades em rede, como o projeto de extensão *Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil* promoverão, ainda mais, nos próximos anos, este crescimento e visibilidade dos diferentes direcionamentos teóricos e metodológicos da pesquisa (auto)biográfica Educação Musical.

Sobre os locais dessas produções, pudemos identificar 1 trabalho realizado na região Norte, 7 na região Nordeste, 14 no Centro-oeste, 1 no Sudeste e 24 no Sul do país. Na figura abaixo, pode-se visualizar os estados e universidades que surgiram nessa busca:

Figura 2: Mapa de produções por estados, regiões e universidades

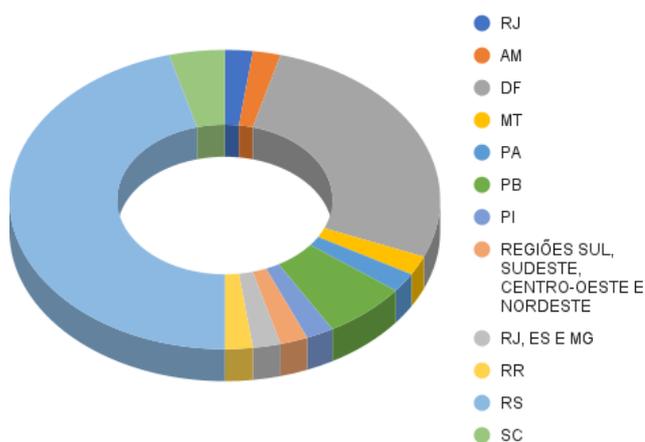


Fonte: SOUZA, et al. 2021, p. 14.

Esse quadro da região Norte poderá se modificar nos próximos anos como resultado das ações do Grupo de Estudos e Pesquisas (Auto)biográficas em Educação Musical (GEPaEM) criado em 2020 e localizado na Universidade Federal de Roraima (UFRR), extremo norte do país, sendo a líder umas das professoras idealistas do presente grupo de trabalhos especiais.

Quando partimos para os contextos de coleta de dados, novas cidades e estados foram identificados na busca, como: Mato Grosso, Minas Gerais, Pará e Roraima.

Figura 3: Estados de coleta de dados



Fonte: SOUZA, et al. 2021, p. 15.

Isso se deve em alguns casos, ao local de origem e/ou atuação dos pesquisadores, que se deslocam de cidade para realizar pós-graduação, o que nos mostra também onde estão

centralizados os programas de pós-graduação pelo país, nas quais essas pesquisas foram realizadas, bem como os interesses de pesquisas que se localizam nesses campos.

As apostas e dimensões de avanço da Pesquisa (Auto)biográfica e suas interfaces com a Educação Musical

Temos acompanhado nos últimos anos o fortalecimento de uma educação musical mais humana e menos tecnicista, como nos sugere Wayne Bowman (2018) nos convidando a refletir sobre o significado ético e social da educação musical, ou sobre “O que há de educacional sobre Educação Musical?” (p. 168 – tradução nossa²). Entendemos esse questionamento do autor, não como o intuito de descartar as potencialidades educacionais no ensino de música, mas de questionar os métodos e as instituições que tradicionalmente ensinam, exclusivamente, de forma tecnicista, mecânica, não considerando os aspectos éticos e sociais que poderiam contribuir profundamente com as propositivas educacionais da educação musical.

Margarete Arroyo (2002) também auxiliou na construção dessa nova forma de pensar a educação musical na contemporaneidade. Centrando-se na abordagem sociocultural, Arroyo apresenta dois conceitos oriundos da Antropologia que passaram a contribuir com a revisão epistemológica das Ciências Sociais: a relativização e a cultura, que sintetiza da seguinte forma:

Relativização implica que os processos e os produtos culturais só podem ser compreendidos se considerados no seu contexto de produção sociocultural; o conceito de **cultura** encontra no entendimento de Clifford Geertz uma interpretação que tem influenciado muitos estudiosos, isto é, cultura entendida como uma teia de significados que conferem sentido à existência humana (Geertz, 1989). Essa revisão epistemológica na Antropologia teve um importante papel na superação de uma visão eurocêntrica da produção cultural humana, isto é, a cultura europeia deixou de ser o modelo ideal de cultura e passou a ser mais uma das várias culturas (ARROYO, 2002, p. 19-20).

A superação de um ensino de música calcado em tradições estritamente europeias pode ser, também, um dos aspectos de uma educação musical ética e social, pois pode, desde que se façam espaços e ouvidos para essas outras músicas, promover o respeito e valorização que cada povo/comunidade atribui à produção musical.

² **No original:** “What’s Educational About Music Education” (BOWMAN, 2018, p. 168).

Outros autores revisitados na disciplina a partir da qual esta comunicação se constituiu contribuíram com ideias para uma educação musical renovada, como Kraemer (2020), Amato (2010) e Pereira (2020), ao relacionarem a educação musical com outras áreas da educação e das Artes e com a constituição da Educação Musical como área de conhecimento; Del-Ben (2007; 2010; 2014) ao refletir sobre a educação musical como campo de Pesquisa; Bellochio (2003) ao provocar o debate sobre “algumas das relações que se estabelecem entre a produção, a difusão e a apropriação da pesquisa em educação musical no Brasil” (p. 35); Gonçalves e Pederiva, (2019) ao apresentar “outro modo possível de educação musical” (p. 19) a partir de fundamentos da teoria histórico-cultural.

Esse panorama emergente da educação musical tem sido bastante discutido pela área e parece ganhar mais visibilidade, ainda, no XXV Congresso Nacional da ABEM, que este ano contempla Grupos Temáticos Especiais (GTEs) que oportunizam espaço para que essa educação musical humanizadora seja dialogada e pensada. Destacamos os seguintes: *Educação Musical e Humanização; Educação Musical e Pesquisa (Auto)biográfica; Educação Musical em Espaços Alternativos de formação; Formação musical, colonialidade e opções decoloniais; Relações Étnico-Raciais, perspectivas afrodiaspóricas e decolonialidade em Educação Musical*, entre outros. As discussões que se atravessam nas pesquisas com esses vieses, parecem ecoar nas apostas e dimensões da pesquisa (auto)biográfica.

Algo que tem se destacado nas publicações de Passeggi (2020, p. 70), são as apostas que a pesquisadora apresenta para o paradigma narrativo-autobiográfico: uma **aposta epistemopolítica**, uma **aposta decolonizadora**, e uma **aposta pós-disciplinar**. Essas apostas fundamentam minha pesquisa de mestrado teoricamente, dado que seu objetivo é analisar como os ambientes institucionalizados e não-institucionalizados de educação influenciam na formação dos discentes do curso de licenciatura em música da UFRR.

Na aposta epistemopolítica se reconhece e legitima a capacidade humana, da criança ao adulto “de fazer uso da reflexividade autobiográfica sobre o que acontece e o que nos acontece” (PASSEGGI, 2020, p. 70), “Admitir a legitimidade desse percurso é *per se* provocador de rupturas com paradigmas anteriores, que centrava a primazia da ciência e não a das pessoas que fazem a ciência”.

A primeira se justifica na finalidade humana e na perspectiva ética da pesquisa. Passeggi nos diz que “o centro da pesquisa é essa interrogação sobre a conectividade entre a pessoa (auto), a vida (bio) e o discurso das ciências (grafia)” (PASSEGGI, 2020, p. 70). Isso

indicaria romper com abordagens que priorizam a ciência e não as pessoas que fazem a ciência, essa primeira aposta também está intimamente relacionada com a educação libertadora proposta por Paulo Freire no início dos anos 1960. Para Passeggi (2016, p. 309):

É essa aposta epistemopolítica que dirige a investigação na pesquisa (auto)biográfica, e que defende a capacidade de reflexão crítica do ser humano. Sem esse postulado é como se destituíssemos a pessoa da plenitude de sua humanidade. A capacidade de refletir sobre si e sobre sua experiência, de conhecer e de se autoconhecer é o que nos permite conhecer o que nos governa e dirige nossas ações no mundo que nos circunda.

É na epistemopolítica que busca-se reconhecer o sujeito empírico e o autobiográfico, que foi historicamente excluído da ciência moderna (PASSEGGI, 2016; 2020) para dar lugar ao sujeito racional e objetivo, tradicionalmente o homem branco, letrado e europeu, excluindo, as crianças, mulheres, idosos, iletrados, entre outros.” Contra essa exclusão da tradição científica (e cultural) [...] é que se insurge uma hermenêutica descolonizadora, confiante na capacidade humana de refletir sobre a própria experiência, independentemente do sexo, da idade e do grau de letramento” (PASSEGGI, 2016, p. 309)

Essa capacidade humana de narrar, imaginar, criar, discutir, se adaptar e mudar hábitos é também apresentada por Bowman (2018) ao criticar o treinamento musical, em detrimento da educação musical, o autor adverte que ao ensinar música não estamos somente desenvolvendo e/ou refinando habilidades musicais, mas, explorando e moldando indivíduos em uma sociedade. Assim, podemos estar preparando pessoas para lidar com o inesperado, ou apenas os treinando para momentos previsíveis e controlados, algo que não é realidade na contemporaneidade.

A aposta decolonizadora, é igualmente política, também objetiva romper com padrões, modelos e/ou esquemas anteriores que dificultam o avanço “na direção dessa conectividade entre a pessoas (auto), a vida (bio) e o discurso científico (grafia)”. Essa aposta nos mostra como a abordagem (auto)biográfica se caracteriza como uma epistemologia do Sul, ao respeitar e legitimar quem narra (PASSEGGI, 2020, p. 71), pois “Seria ilógico, se a ciência procurasse ouvir a maioria silenciosa, ou silenciada, cuja palavra é socialmente negada, para excluir do seu discurso essa palavra, ou nada fazer por quem narra.” Assim, a pesquisa (auto)biográfica também busca contribuir para formação de pessoas conscientes da presença da colonialidade, e da necessidade de uma decolonialidade de pensamento, abrindo espaço para se aprender com o Sul, como nos sugere Boaventura de Souza Santos (2005).

Essa dimensão dialoga com as ideias de Batista (2020) que visa chamar a atenção para saberes pluriétnicos, tanto na pesquisa, quanto nas práticas docentes e nas práticas musicais, dentro de uma visão decolonial. A colonialidade, é entendida aqui conforme a perspectiva de Quijano (2010), como:

um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal (QUIJANO, 2010, p.73).

Essa colonialidade, que se inscreve em conhecimentos e saberes, tem sido problematizada também no campo da educação musical, e “tratando-se de currículos do ensino superior em Música, constitui um desafio a ser enfrentado” (PEREIRA, 2020, p. 3). Para Queiroz (2017, p. 108) a colonialidade é uma das principais causas de epistemicídios musicais, “crimes cometidos contra um conjunto amplo de expressões culturais que, por processos históricos de exclusão, foram expulsas dos lugares de destaque na sociedade”. O autor explica que esse processo ocorre, por exemplo, quando são comparadas as músicas “do Sul” com as organizações musicais euro-americanas, a partir do ponto de vista desta, deste modo, as músicas/práticas e valores que envolvem essa música vinda “do Sul” são desclassificadas, ou consideradas de menor valor estético, artístico e/ou cultural. Assim, os autores aqui destacados dialogam com uma aposta decolonizadora, pois buscam caminhos para decolonizar a pesquisa em Música e Educação Musical.

Na terceira aposta, a pós-disciplinar, a autora entende “que o caráter de globalidade da narrativa autobiográfica é subjacente à inteireza do humano que a ciência fragmenta para estudá-lo” (PASSEGGI, 2020, p. 72). Utilizando Ferrarotti 2014, Passeggi nos diz que essa aposta está além das divisões curriculares, de forma que não é nem multi, nem inter, nem transdisciplinar, pois a “consciência da historicidade resultante dos processos heurísticos e hermenêuticos subjacentes à reflexividade autobiográfica, faz apelo a uma mirada pós-disciplinar” (p. 72). Dessa forma, os pesquisadores poderiam buscar outros instrumentos heurísticos e hermenêuticos, em diferentes ciências humanas, como na história social, na filosofia, na antropologia social e cultural, na etnografia, na psicologia e na psicanálise, exemplos citados pela autora.

Em diálogo com a dimensão pós-disciplinar, Abreu (2017) entende haver uma necessidade de um engajamento de caráter epistemológico, que coloca a reflexividade (auto)biográfica no centro de estudo da educação musical, devolvendo ao sujeito em processo de formação a possibilidade de elaborar formas de empoderamento. Sobre esse pensamento, a autora nos diz que se trata de

um engajamento ancorado em uma visão pós-disciplinar, isto é, na liberdade de ir e vir, sem se perder no caminho daquilo que se constitui como campo da educação musical, mas buscando instrumentos heurísticos para além daquilo que pode estar convencionado ou acomodado (ABREU, 2017, p. 101).

Portanto, ao assumir essa aposta a educação musical não se perde como área de conhecimento, mas se fortalece e contribui com outras áreas da educação.

Considerações

Ao discutir a constituição da Educação Musical como campo do conhecimento a partir de suas inter-relações com diferentes áreas do conhecimento, na disciplina *Educação e Educação Musical: pressupostos teóricos e práticos*, foi possível analisar e ponderar sobre a constituição da Educação Musical enquanto área do conhecimento a partir das características de sua produção científica; apontar os limites e possibilidades de compreensão da música enquanto sapiência, representação de culturas e enquanto campo de conflitos éticos e estéticos; e identificar a produção do conhecimento da área de Música em suas interfaces com a Educação.

Aliando esses saberes a busca pelo desenvolvimento de “ações de estudo, pesquisa, debate e divulgação do *Movimento (Auto)biográfico da Educação Musical no Brasil*” (PROJETO, 2021, p. 5) no âmbito dos encontros do Projeto de Extensão, pudemos, além de outros resultados,

a) Conceber e estruturar as atividades de extensão como instrumentos de formação acadêmica, articuladas às atividades de pesquisa e ensino, considerando a multiplicidade das atividades nele desenvolvidas; b) Promover o conhecimento, através da cultura; a democratização do acesso ao saber e a intervenção solidária junto à comunidade, para a transformação social; c) Socializar o resultado da aplicação do conhecimento gerado tanto na pesquisa, como na própria extensão, realimentada pela relação dialética conhecimento-realidade-conhecimento [...], políticas de extensão previstas no PDI 2016-2025. Também, ao d) Executar atividades de pesquisa

articuladas com o ensino e a extensão, de forma permanente e integrada, através da geração, divulgação e aplicação de novos conhecimentos; e) Desenvolver pesquisas de forma integrada com programas de graduação, pós-graduação e qualificação docente, de acordo com temáticas definidas pelos colegiados respectivos; e f) Fomentar a consolidação de grupos de pesquisa que atuem nas áreas de interesse institucional, com destaque para a equipe interinstitucional, vinculada a cursos de licenciatura em Música e a programas de pós-graduação, que integra este Projeto (PROJETO, 2021, p. 4-5)

Percebemos a relevância de tal projeto, ao considerarmos a multiplicidade de atividades que o compõe, contribuindo com o avanço da pesquisa em Educação Musical no Brasil. Além, de favorecer o conhecimento sobre como a abordagem de pesquisa (auto)biográfica está sendo utilizada na Educação musical em nosso país. Contribuição que foi possibilitada, também, através da realização do estado do conhecimento em parceria com alunos do PPGMUS da UDESC, liderados pela professora Dra. Teresa Mateiro.

Assim, pretende-se com esta comunicação, contribuir com as discussões e os avanços da Pesquisa (Auto)biográfica no Brasil, considerando suas potencialidades na formação de professores de música e na pesquisa em Educação Musical, a todos que se propõem a realizá-la ou com ela contribuir. E prospectando avanços a partir de ações que tem se dado no presente, em grupos de pesquisa, instituições, pesquisadores e movimentos, que reconhecem essa abordagem e suas potencialidades, apostas e dimensões (PASSEGGI, 2011; 2016; 2017; 2020) para um futuro próximo.

Compreendemos, que esses avanços se estendem também a Pesquisa em Educação Musical, dando continuidade a importantes trabalhos (SOUZA, 2007; 2014; KRAEMER, 2000; ARROYO, 2002; DEL-BEN, 2010) que direcionam a Educação Musical a desenvolver-se como campo de pesquisa.

Esperamos que os dados apresentados auxiliem na compreensão do panorama em que se encontra a produção científica da pesquisa (auto)biográfica em Educação Musical no Brasil, para continuarmos avançando no desenvolvimento dessa abordagem.

Referências

- ALMEIDA, Jéssica de. *Biografia Músico-Educativa: Produção de Sentidos em meio à teia da vida*. Tese. 336 p., Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2019.
- ABREU, Delmary Vasconcelos de. O FAEM como espaço de formação em educação musical: uma investigação-formação a partir de memoriais de mestrandos da UnB. *Revista da Abem*. Londrina, v. 25, n. 38, 89-104. Jan/jun. de 2017.
- ARROYO, Margarete. Educação Musical na contemporaneidade. In: II SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA DA UFG, 2002, Goiânia. *Anais*. Goiânia: UFG, 18-29, 2002.
- BATISTA, Leonardo Moraes; et al. Pesquisa Etnomusicológica e Contemporaneidade: abordagens e perspectivas outras. In: VI SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 2020, Online, *Anais*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2020, 418-130.
- BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Da produção da pesquisa em educação musical à sua apropriação. *Opus*. v. 9, 35-48, dez. 2003.
- BOWMAN, Wayne. The social and ethical significance of music and music education. *Revista da Abem*, v. 26, n. 40, 167-175, jan/jun. 2018.
- CARDOSO, Renato de Carvalho. *O conhecimento musical na perspectiva da complexidade: possibilidades para a Educação Musical*. Tese. 164 p., Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, São Paulo, mar. 2020.
- DEL-BEN, Luciana. Produção científica em educação musical e seus impactos nas políticas e práticas educacionais. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v.16, 57-64, mar. 2007.
- _____. (Para) Pensar a pesquisa em educação musical. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v. 24, 25-33, set. 2010.
- _____. Políticas de ciência, tecnologia e inovação no Brasil: perspectivas para a produção de conhecimento em educação musical. *Revista da Abem*. Londrina, v. 22, n. 33, p. 130-142. Jan/jun. de 2014.
- GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. A unidade Educação-Música: Educação Musical na teoria Histórico-cultural. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 39, n. 107, 19-30, jan/abr. 2019.
- GONTIJO, Milena. *O movimento (auto)biográfico no campo da educação musical no Brasil: um estudo a partir de teses e dissertações*. Dissertação. 104 p., Universidade de Brasília. Brasília. 2019.
- KRAEMER, Rudolf Dieter. Dimensões e funções do conhecimento pedagógico-musical. Trad. Jusamara Souza. *Em Pauta*. v. 11, n. 16, abr/nov, 2000.

MADEIRA, Ana Ester et. al. Pesquisa (Auto)biográfica em Educação Musical no Brasil – Revisão bibliográfica. 41 p., 2021, No prelo.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto)biográfica em educación. Trad: Dora Lilia Marín Díaz. *Revista Educación y Pedagogia*, v. 23, n. 61, set/dez, 2011.

_____. A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora. *Coisas do gênero*. São Leopoldo, v. 2, n. 2, p. 302- 314, ago/dez. de 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. O movimento (auto)biográfico no Brasil; Esboço de suas configurações no Campo Educacional. *Revista Investigación Cualitativa*, v. 2, n. 1, 6-26. 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Abordagens narrativas na pesquisa educacional brasileira. *Revista Paradigma*, v. 41, 57-79, jun. de 2020.

PEREIRA, Eliton Perpétuo Rosa. Concepções pedagógicas da educação musical brasileira: relações com os campos da Educação e da arte-educação. *Opus*. V. 26, n. 1, jan/abr. 2020.

PEREIRA, Marcus Vinicius Medeiros. Ensino superior em Música, colonialidade e currículos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, 1 – 24, 2020.

_____. Possibilidades e desafios em música e na formação musical: a proposta de um giro decolonial. *Interlúdio – Ano 6*, n. 10, 2018.

QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da Abem*. Londrina, v. 25, n. 39, 132-159, jul/dez. 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2005. 73-117.

_____. Cânones da educação superior em música no Brasil e faces da colonialidade no século XXI. In: XXIV CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2019, Campos Grande. *Anais*. Campo Grande, nov. 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2005.

SOUZA, Jusamara. Pensar a educação musical como ciência: a participação da Abem na construção da área. *Revista da Abem*. Porto Alegre, v. 16, 25-30, mar. 2007.

SOUZA, Jusamara. Sobre as várias histórias da Educação Musical no Brasil. *Revista da Abem*. Londrina, v. 22, n. 33, 109-120, jul/dez. 2014.